­

****

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA UFSC
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO CCE
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

**Roberta Soares Bucheler**

**Memórias Quilombolas**

A história de uma comunidade de remanescentes de quilombo no Sul de Santa Catarina

**RELATÓRIO TÉCNICO**

**Do Trabalho de Conclusão de Curso**

**apresentado à disciplina de Projetos Experimentais**

**ministrada pela Profº. Fernando Crocomo**

**no segundo semestre de 2017**

**Orientadora: Profª. Flávia Garcia Guidotti**

**Florianópolis**

**Novembro de 2017**

|  |
| --- |
| **FICHA DO TCC – Trabalho de Conclusão de Curso – JORNALISMO UFSC** |
| **ANO** | 2017.2 |
| **ALUNO** | Roberta Soares Bucheler  |
| **TÍTULO** | Memórias Quilombolas – A história de uma comunidade de remanescente de quilombo no Sul de Santa Catarina |
| **ORIENTADOR** | Flávia Garcia Guidotti  |
| **MÍDIA** | X  | Impresso |
|  | Rádio |
|  | TV/Vídeo |
| x  | Foto |
|  | Web site |
|  | Multimídia |
| **CATEGORIA** |  | Pesquisa Científica  |
|  | Produto Comunicacional  |
|  | Produto Institucional (assessoria de imprensa) |
|  | Produto Jornalístico (inteiro) | **Local da apuração:** |
| X  | Reportagem  livro-reportagem   | (   ) Florianópolis           (  ) Brasil(X) Santa Catarina         (  ) Internacional(  ) Região Sul    País: \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ |
| **ÁREAS** | Fotojornalismo, comunidade quilombola, Garopaba, fotografia documental. |
| **RESUMO** | Este trabalho de conclusão de curso é um livro fotodocumental sobre a história de uma comunidade quilombola no Morro do Fortunato, em Garopaba, litoral Sul de Santa Catarina. Descendentes do ex-escravo Fortunato, cerca de 150 pessoas preservam ainda o legado da cultura africana. O quilombo existe há mais de 100 anos e foi certificado pela Fundação Palmares, braço do Ministério da Cultura, em 2007. A questão levantada é: como esta comunidade está organizada e como mantém culturalmente as raízes africanas em meio a uma cidade colonizada por europeus? O livro fotodocumental, com 34 fotos, propõe uma discussão sobre essa temática a partir de fotografias e legendas, cuja narrativa está organizada tendo como base três principais temas: (1) o dia a dia da comunidade, com base na agricultura e no lazer; (2) a rotina da comunidade quilombola e sua relação com a cultura africana; (3) a relação dessa comunidade com a cidade de Garopaba, município no qual ela está localizada. |

À Maurílio Machado e toda a Comunidade de Remanescentes

de Quilombo do Morro do Fortunato.

**AGRADECIMENTOS**

À minha mãe Marli Soares Bucheler e ao meu pai Roberto Bucheler, pelo acompanhamento e apoio em cada etapa deste trabalho. Ao meu irmão Danilo Soares Bucheler pelo companheirismo. Ao Luiz Henrique da Silva Coelho, por me levantar e animar a cada desafio enfrentado. Às minhas amigas Gabriela Bankhardt, Juliana Fernandez, Lívia Rezende e Larissa Gaspar por compartilharem comigo o amor pelo Jornalismo. Aos professores do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, em especial à minha orientadora Flávia Guidotti por confiar no meu trabalho. Aos meus avós Donato Soares e Maria Torres Soares, pois sei que eles adorariam ter acompanhado esta etapa da minha vida. E a todos os membros da Comunidade Morro do Fortunato, que tornaram este trabalho possível.

**RESUMO**

Este trabalho de conclusão de curso é um livro fotodocumental sobre a história de uma comunidade quilombola no Morro do Fortunato, em Garopaba, litoral Sul de Santa Catarina. Descendentes do ex-escravo Fortunato, cerca de 150 pessoas preservam ainda o legado da cultura africana. O quilombo existe há mais de 100 anos e foi certificado pela Fundação Palmares, braço do Ministério da Cultura, em 2007. A questão levantada é: como esta comunidade está organizada e como mantém culturalmente as raízes africanas em meio a uma cidade colonizada por europeus? O livro fotodocumental, com 34 fotos, propõe uma discussão sobre essa temática a partir de fotografias e legendas, cuja narrativa está organizada tendo como base três principais temas: (1) o dia a dia da comunidade, com base na agricultura e no lazer; (2) a rotina da comunidade quilombola e sua relação com a cultura africana; (3) a relação dessa comunidade com a cidade de Garopaba, município no qual ela está localizada.

**Palavras-chave:** Fotojornalismo, comunidade quilombola, Garopaba, fotografia documental.

**SUMÁRIO**

1. APRESENTAÇÃO7

1.1 O tema7

1.2 O formato9

**2. OBJETIVOS11**

2.1 Objetivo Geral11

2.2 Objetivos Específicos11

**3. JUSTIFICATIVA .............................................................................................................. 12**

**4. PROCESSO DE PRODUÇÃO .........................................................................................14**

4.1 Pré-apuração ..........................................................................................................14

4.2 Apuração / Fotografia ............................................................................................15

4.3 Edição de imagens .................................................................................................18

4.4 Parte textual ...........................................................................................................18

4.5 Diagramação ..........................................................................................................19

**5. RECURSOS ........................................................................................................................20**

**6. DIFICULDADES E APRENDIZADO .............................................................................21**

**7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .............................................................................22**

1. **APRESENTAÇÃO**

Este trabalho de conclusão de curso é um livro fotodocumental sobre a comunidade quilombola Morro do Fortunato. O trabalho mostra através de fotos e textos-legendas a história do grupo, localizado em Garopaba, Sul de Santa Catarina.

Dividido em três capítulos, o livro aborda três vertentes da história da comunidade: a origem, os aspectos culturais e as práticas de sociabilidade, tanto internas quanto externas. Com poucos documentos e registros, a história da comunidade, que possui mais de 100 anos, sobrevive através de relatos passados de geração para geração, sobrevive da memória.

Le Goff (1990), afirma que a memória é um elemento importante para construção da história e que o papel da memória coletiva, como no caso da comunidade, é auxiliar na sua legitimidade.

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória (LE GOFF,1990, p.476).

A memória é um elemento fundamental na construção e afirmação de uma identidade, e Sousa (2008) afirma que o jornalismo foi desde o seu princípio essencial para a preservação das memória e histórias da sociedade.

Na sua essência, o jornalismo é uma representação discursiva de factos e ideias da vida do homem, construída para se contar ou mostrar a outrem. (…) Assim, pode dizer-se que o jornalismo vai buscar a sua origem mais remota aos tempos imemoriais em que os seres humanos começaram a transmitir informações e novidades e a contar histórias, quer por uma questão de necessidade (nenhuma sociedade, mesmo as mais primitivas, conseguiu sobreviver sem informação), quer por entretenimento, quer ainda para preservação da sua memória para gerações futuras (o que, simbolicamente, assegura a imortalidade) (SOUSA, 2008, p. 5)

**1.1 O tema**

Durante os séculos XVII e XVIII, o Brasil viveu o período de escravidão. Alguns escravos negros conseguiam fugir e se abrigavam em locais escondidos, geralmente no meio das matas. Esses locais, que abrigavam centenas de escravos refugiados, eram conhecidos como quilombos. Os quilombos eram comunidades onde eles viviam de acordo com sua cultura, de origem africana, e viviam da plantação.

A palavra quilombo pode ter inúmeros significados e estar associada a um lugar, “quilombo era um estabelecimento singular”; a um povo que vive neste lugar, “às várias etnias que o compõe”; às manifestações populares, “festas de rua”; ou ao local de uma prática condenada pela sociedade, “lugar público onde se instala uma casa de prostituição”; ou a um conflito, “grande confusão”, ou ainda a uma relação social, “uma união”; ou a um sistema econômico, “localização fronteiriça, com relevo e condições climáticas comuns na maioria dos casos” (LOPES, 1987, p. 15).

Para Albuquerque (2014), a definição histórica do conceito ainda é vista como estereotipada, no senso comum, fundamentada na ideia de fuga dos negros. E através de debates, o conceito de Quilombo passou a abranger realidades de grupos cada vez mais distintos, pois os escravos livres e os descendentes que ocupavam terras, não ocupavam necessariamente porque para lá fugiram, mas porque foram áreas conquistadas, compradas ou adquiridas. Quilombo é definido então como “uma experiência coletiva, não só dos africanos, mas de seus descendentes, somados às tantas experiências trocadas em seu interior pelos diferentes sujeitos” (MUNANGA, 2004, p. 72), excedendo a história somente baseada na fuga. Desse modo, o conceito adquiriu novas interpretações:

O Quilombo passa, a significar, um tipo particular de experiência, cujo alvo recai sobre a valorização das inúmeras formas de recuperação da identidade positiva, a busca por tornar-se um cidadão de direitos, não apenas de deveres. Enquanto uma forma de organização, o Quilombo viabiliza novas políticas e estratégias de reconhecimento(LEITE, 2000, p. 19).

Dessa forma, com base na história dos quilombos no Brasil, e a importância desses com relação à luta e resistência à escravidão, é possível notar que há ainda muitas semelhanças com as comunidades quilombolas atuais, que são formadas por descendentes de ex-escravos, e que ainda lutam por seus direitos, como a cidadania e a visibilidade.

O livro fotodocumental ‘Memórias Quilombolas” busca dar visibilidade para a história da Comunidade Quilombola do Morro do Fortunato, localizada em Garopaba, litoral Sul de Santa Catarina. Descendentes do ex-escravo Fortunato, cerca de 150 pessoas preservam ainda o legado da cultura africana. O quilombo existe há mais de 100 anos e foi certificado pela Fundação Palmares, braço do Ministério da Cultura, em 2007.

Como um quilombo “moderno”, seus integrantes buscam o reconhecimento de suas conquistas, como cidadania, respeito e visibilidade. Além disso, a busca do desenvolvimento social viabiliza a construção de uma identidade característica e específica dessa comunidade, baseada no passado escravista de seus antepassados. A comunidade é formada somente por parentes, uma família, todos de sobrenome Machado.

Este trabalho apresenta através de fotos e legendas como a comunidade está organizada e como mantém culturalmente as raízes africanas em meio a uma cidade colonizada por europeus. Registrei o cotidiano das famílias que vivem lá e suas tradições culturais, religiosas e de lazer, além das formas de sustento. Com isso, busquei reafirmar a importância da cultura africana na formação cultural brasileira.

Quantas “mães-pretas”, amas de leite, negras cozinheiras e quitandeiras influenciaram crianças e adultos brancos (negros e mestiços também), no campo e nas áreas urbanas, com suas histórias, com suas memórias, com suas práticas religiosas, seus hábitos e seus conhecimentos técnicos? Medos, verdades, cuidados, forma de organização social e sentimentos, senso do que é certo e do que é errado, valores culturais, escolhas gastronômicas, indumentárias e linguagem, tudo isso conformou-se no contato cotidiano desenvolvido entre brancos, negros, indígenas e mestiços na Colônia. (FREYRE, 2001, p. 343)

**1.2 O formato**

Desde a sua criação, a fotografia adquiriu um caráter de registro e documentação da realidade, da história e de costumes.

Durante todo percurso histórico da fotografia documental, a função testemunhal sempre esteve presente (...) com intensidades diferentes. Não se pode negar que a imagem fotográfica é sempre recebida como sinal de um acontecimento real ou de uma entidade realmente existente. (LOMBARDI, 2007, p.27).

Para Forin Júnior e Boni (2007), a fotografia representa uma realidade porque tem a particularidade de registrar a imanência dos objetos do mundo, tomando um recorte do real num instante e o eternizando.

Vale aqui ressaltar a diferença entre fotojornalismo e fotodocumentarismo, que confesso que aprendi quando estava produzindo o projeto e pensando em como contar a história da comunidade através de fotos e textos-legendas. Para Sousa (2004):

Enquanto o fotojornalista raramente sabe exactamente o que vai fotografar, como o poderá fazer e as condições que vai encontrar, o fotodocumentalista trabalha em termos de projecto: quando inicia um trabalho, tem já um conhecimento prévio do assunto e das condições em que pode desenvolver o plano de abordagem do tema que anteriormente traçou. (SOUSA, 2004, pg. 6)

Apesar de ambos serem semelhantes ao contarem histórias através de fotografias, a fotografia documental difere-se da fotografia jornalística principalmente pelo tempo de apuração. Enquanto o fotojornalismo registra fatos pontuais e noticiosos, o fotodocumentarismo é realizado a longo prazo.

Tratando-se de um trabalho de conclusão de curso que levei um ano e meio, a começar pelas pesquisas, o livro ‘Memórias Quilombolas’ possui o formato de um livro fotodocumental. Para a sua produção houve um conhecimento prévio sobre o tema, através de pesquisas e entrevistas, e foi possível estabelecer assim uma relação mais aprofundada com as fontes, tornando mais realista ainda o trabalho.

Além disso, Boni (2008) ressalta que o trabalho fotodocumental é diferente do fotojornalismo diário por conta do controle de todas as etapas de produção (pré-produção, produção e pós-produção). Ao conhecer a comunidade e saber das suas características, foi possível pensar previamente em como obter as melhores imagens e foi possível realizar a “produção” de muitas fotos. O livro produzido possui 83 páginas, sendo composto por 34 fotografias acompanhadas de textos-legendas produzidos através de observação e entrevisas com as fontes.

1. **OBJETIVOS**
	1. **Objetivo Geral**

Conhecer como a comunidade quilombola do Morro do Fortunato, em Garopaba, litoral Sul de Santa Catarina, está organizada e mantém sua história e traços culturais de suas raízes africanas em meio a uma cidade colonizada por europeus.

**2.2. Objetivos Específicos**

(1) Acompanhar o dia-a-dia da comunidade, no trabalho com base na agricultura e no lazer;

(2) Mostrar por meio da rotina da comunidade quilombola a cultura africana;

(3) Apresentar como a comunidade está inserida na sociedade pertencente à Garopaba;

(4) Apresentar um foto livro baseado nos princípios que caracterizam a fotografia documental

1. **JUSTIFICATIVA**

De acordo com o Censo Demográfico de 2010 (IBGE, 2011), de 190 milhões de brasileiros, 91 milhões se classificaram como brancos (47,7%), 15 milhões como pretos (7,6%) e 82 milhões como pardos (43,1%). Assim, o total da população que se autodeclara como preta mais o total da população que se autodeclara como parda, sendo esta por conta da miscigenação do branco com o negro, tem-se uma população que representa 50,7% do total. Com isso, é confirmado que a maioria da população brasileira é formada por negros e seus descendentes. Apesar disso, por conta de toda a história de escravidão, os negros enfrentam dificuldades de se afirmar socialmente e de serem reconhecidos pela importância que têm na formação cultural brasileira.

No município de Garopaba, litoral sul de Santa Catarina, existe há mais de 100 anos uma comunidade negra denominada ‘Família do Fortunato’. A comunidade caracteriza-se como quilombo contemporâneo, sendo que sua formação se dá pela descendência dos seus integrantes do ex-escravo Fortunato Justino Machado. Por esse motivo, a comunidade ainda possui alguns hábitos e costumes dos seus antepassados, “como a produção familiar de gêneros alimentícios, utilizando utensílios muitas vezes improvisados, mas que, juntamente com o trabalho assalariado, garante a sobrevivência do grupo e a manutenção da cultura herdada de seus antecessores” (ALBUQUERQUE, 2014, n.p.). E como toda comunidade, a coletividade está presente em todos esses hábitos e culturas.

Apesar de essa comunidade ser formada por cerca de 150 pessoas e existir há mais de cem anos, eu não tinha conhecimento da mesma até ano passado, mesmo frequentando o município há 22 anos. Com isso, iniciei pesquisas sobre a comunidade e percebi que a mesma tem grande importância cultural na formação da sociedade do município. Apesar disso, a comunidade não possui visibilidade na mídia e nem o reconhecimento de sua cultura e importância para o município.

Quando iniciei a pesquisa, após minha surpresa com a existência da comunidade, busquei por reportagens e notícias da grande mídia e encontrei apenas uma matéria online no Jornal Hora de Santa Catarina, do ano de 2014. A matéria no entanto foi produzida e assinada pela professora Ilka Boaventura Leite, do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Apenas com uma foto e sem muito aprofundamento e características jornalísticas, como entrevista com fontes, o texto não supriu a necessidade de dar visibilidade e importância à comunidade.

Acreditei ser fundamental que a história da comunidade fosse contada através deste trabalho, tanto para guardar a memória e a história dessa comunidade, que hoje é baseada em memórias que podem ser esquecidas, sendo portanto o registro uma forma de reconhecê-la.

Pretendo através do livro, com 34 fotos acompahadas de textos-legendas, responder o seguinte questionamento: como a comunidade está organizada e como mantém culturalmente suas raízes africanas em meio a uma cidade colonizada por europeus? Vale aqui ressaltar que a miscigenação está presente na comunidade e que a cultura africana, por mais que não seja reconhecida, está presente em vários hábitos de toda a comunidade de Garopaba, como nas tradições familiares do trabalho rural, como nos hábitos alimentares, como a farinha de mandioca, entre outros.

1. **PROCESSO DE PRODUÇÃO**

**4.1 Pré-Apuração**

 Após escolher o tema em agosto de 2016, fiz algumas pesquisas na internet e encontrei dois trabalhos sobre a comunidade. A dissertação de mestrado da Universidade Federal de Santa Catarina. ‘Nascidos na fortuna - o grupo do Fortunato: identidade e relações interétnicas entre descendentes de africanos e europeus no litoral catarinense’ foi escrita em 1992 por Miriam Furtado Hartung. Com a leitura desse trabalho, consegui entender e conhecer mais sobre a comunidade, como era estruturada e quais eram seus costumes há 25 anos. O outro trabalho que encontrei e li foi o artigo de mestrado em História da Universidade Estadual de Sanata Catarina, produzido por Mauricélia Teixeira de Albuquerque em 2013. Com este último trabalho, consegui ter uma noção mais atual da comunidade. Ao comparar os dois, que foram produzidos com uma diferença de 21 anos, pude ter a percepção das mudanças que a comunidade passou durante esse tempo.

Com um conhecimento básico sobre a comunidade do Morro do Fortunato, fiz meu projeto de conclusão de curso ao longo do segundo semestre de 2016. Já em março de 2017 procurei me aprofundar na temática de quilombos e buscar maiores conhecimentos sobre a questão da formação da sociedade afro-brasileira. Pra isso, me matriculei na matéria Estudos Afro-Brasileiros, ministrada por Ilka Boaventura Leite, Professora do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina.

Durante a disciplina li inúmeros textos sobre identidade étnica, formação social afro-brasileira, invisibilidade negra e quilombolos. Como trabalho final, pesquisei sobre a representação do negro na fotografia brasileira e fiz um artigo com base no trabalho de Pierre Verger, fotógrafo e etnólogo franco-brasileiro. Busquei durante os primeiros meses deste ano me aprofundar na temática antes de qualquer contato com as fontes. Como em qualquer produto jornalístico, o processo de apuração é uma etapa básica, inicial e que se bem feita, facilita todo o restante do processo, para que o produto final seja satisfatório.

Já em relação ao formato, busquei informações sobre foto documentarismo. Sempre amei fotografia e no primeiro semestre da faculdade, em 2013.2, cursei a dsciplina obrigatória de Fotojornalismo I e comprei então minha primeira câmera semi-profissional. Desde então passei a fotografar com base nos princípios fotojornalísticos aprendidos com o professor Ivan Luiz Giacomelli. Porém, nunca tinha feito um trabalho documental, que precisasse necessariamente de uma narrativa e que fosse tão complexo quanto este trabalho de conclusão de curso. Busquei então assistir a documentários do fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado, onde ele contava um pouco do seu trabalho e das fases de produção, das suas escolhas e conceitos. Além disso, li alguns textos que pudessem me elucidar esse lado mais documental da fotografia.

**4.2 Apuração / Fotografia**

No mês de maio fui pela primeira vez à comunidade, com o foco em falar com Seu Maurílio Machado, Presidente da Associação de Moradores da Comunidade, informação que obtive através do artigo de Mauricélia Teixeira. Seu Maurílio não estava, mas sua filha, Sabrina Machado, me recepcionou muito bem.

Quando contei a ela minha ideia de trabalho de conclusão de curso e se teria a aceitação deles, ela me tranquilizou e disse que seu pai me atenderia com o maior prazer. Conversamos durante alguns minutos e busquei já fazer agumas perguntas que pudessem me dar um maior conhecimento sobre a comunidade. Quando perguntei se eles tinha algum evento ou festa anual, ela me respondeu que tinha a Festa de São Lourenço no mês de setembro e que era muito importante para eles. Imediatamente pensei que seria muito importante também para o meu trabalho. Peguei o contato de Sabrina e me comuniquei com ela pelo aplicativo *WhatsApp* durante todo o processo de produção.

Já no início de julho fui novamente à comunidade, dessa vez com horário marcado com Seu Maurílio. No dia, estava tendo uma visita de um grupo de turismo e Seu Maurílio estava mostrando toda a comunidade e contando suas histórias. Eu cheguei ao fim da visita, no horário marcado próximo ao almoço. Conversei com a organizadora do grupo de turistas, que me autorizou a fazer imagens. Foram as primeiras fotos que tirei. Para recebê-los, a comunidade preparou um almoço e uma mesa repleta de doces e artesanatos produzidos ali para a compra. Quando os turistas foram embora, fiz a primeira entrevista com Seu Maurílio.

Como representante da Comunidadade do Morro do Fotunato, ele recebe cada visitante e é encarregado de contar as histórias dos antepassados e mostrar a realidade atual do grupo. Seu Maurílio tem 59 anos e trabalha na Prefeitura Municipal de Garopaba. Nossa conversa durou cerca de 40 minutos. Aproveitei essa primeira entrevista para fazer perguntas sobre a história e o início da comunidade. Gravei o áudio com o celular e fiz um retrato do entrevistado somente ao final da nossa conversa. Acredito que a maneira com que se fiz a entrevista, de forma mais descontraída e levando mesmo como uma conversa, fez com que ele se sentiss e mais à vontade. Por isso também a decisão de nesse primeiro encontro mostrar a câmera apenas ao final, mesmo deixando claro desde o início minha intenção de trabalho.

Duas semanas depois, marquei através da Sabrina mais uma entrevista com o Seu Maurílio. Dessa vez, fiz perguntas relacionadas mais a situação atual da comunidade e pedi para que ele me levasse para conhecer a horta, o campinho de futebol e os outros locais da comunidade.

Já em agosto, foi difícil conciliar as datas. Seu Maurílio fazia questão de sempre me receber, como representante do grupo, e só poderia ser aos finais de semana. Falei com a Sabrina do meu interesse em entrevistar as mulheres que faziam os doces e biscoitos caseiros, conhecidos como “Doces do Fortunato”. Tentei marcar para dia 25 de agosto, mas elas não estariam disponíveis. Marcamos então para o dia 2 de setembro. Confirmei a visita no dia, mas quando estava no meio do caminho, a Sabrina me avisou que não seria mais possível. Como faltava apenas uma semana para a festa, perguntei se seria possível acompanhar os preparativos para o evento no feriado do dia 7 de setembro e recebi a resposta de que seria possível.

Então no feriado do Dia da Independência fui à comunidade acompanhar os preparativos para a festa. Às 10 horas da manhã os homens estavam concretando o que seria a pista de dança do evento. Apoveitei para fotografá-los e fazer algumas perguntas à Sabrina sobre a festa. Que horas começava, em média quantas pessoas costumavam comparecer, qual a programação e qual o propósito da festa.

A festa sempre dura dois dias e é realizada em um final de semana de setembro, sábado e domingo. Neste ano foram nos dias 9 e 10. No sábado, às 19 horas, a festa iniciava com uma pequena celebração religiosa. Ali pude descobrir como a fé na Igreja Católica era forte e uma característica importante sobre a cultura deles. Descobri a devoção ao São Lourenço, que é o padroeiro da comunidade e que dá nome à festa.

O evento foi uma opotunidade muito boa para conhecer mais pessoas da comunidade, saber como eles convivem em conjunto e entender um pouco mais da cultura deles. Foi importante também para que eles se familiarizassem com a minha presença e se acostumassem com a câmera. Após a celebração no sábado teve o bingo. A quantidade de pessoas vindas do centro de Garopaba, em excursões de ônibus, me surpreendeu. Ali consegui ter uma noção de como eles se socializavam com pessoas de fora do grupo.

Já no domingo, a festa sempre conta com uma missa pela manhã, e depois um almoço preparado pelas mulheres da comunidade, com alimentos produzidos pelo grupo de remanescentes de quilombos. A música do evento no domingo ficou por conta de uma banda caipira contratada pela comunidade. Já à tarde teve apresentação de dança das mulheres do grupo que fazem aulas de zumba durante a semana no centro comunitário da comunidade. A festa é encerrada no domingo final da tarde com um café. Eu acompanhei os dois dias de festa e aproveitei para fotografar o grupo como um todo, a relação que eles estabeleciam uns com os outros. Notei a união e a força de vontade de fazer o eveto dar certo. As pessoas se revezavam nas barraquinhas de venda de comidas no sábado. Além de ser uma forma de festejar e homenager o padroeiro, a festa é importante para a arrecadação de dinheiro para projetos da comunidade.

Na primeira semana de outubro fiz mais uma visita, dessa vez para conhecer e conversar com as pessoas de mais idade. Entrevistei quatro netos do fundador da comunidade, que puderam me contar em mais detalhes o início da formação do grupo e quais as mudanças que eles percebem que ocorreram com o passar dos anos. A entrevista mais longa, de 1 hora, foi com o Seu João Fortunato, de 80 anos. Nascido e criado na comunidade, me contou de histórias da sua juventude até os dias atuais. Através de um papo descontraído, consegui introduzir na entrevista perguntas que pudessme me revelar aspectos mais sérios sobre o grupo, como o preconceito que sofreram durante anos.

Já a minha última visita foi no final do mês de outubro, quando acompanhei uma tarde de produção de doces e biscoitos, realizada por um grupo de mulheresda comuidade. Entrevistei e fotografei as participantes, que assim como todos os demais membros da comunidade quilombola, me receberam muito bem.

Desde quando era um projeto, minha ideia para este trabalho é que as fotos se intercalassem entre posadas e “naturais”. Queria que expressassem e transmitissem a realidade daquelas pessoas, queria ação, queria retratar como era de fato a vida e histórias daquelas pessoas.

Cabe destacar aqui que quado fiz o projeto imaginei as fotografias todas em preto e branco. Porém, quando conheci a comunidade vi que esse modo poderia ser tendencioso para uma vitimização que não era condizente com a realidade daquelas pessoas. Apesar de terem passado por momentos difíceis em busca de reconhecimento e respeito, eles hoje transmitem uma felicidade e uma riqueza de cores e vibrações que as fotografias em preto e branco não iam destacar.

**4.3 Edição das imagens**

Esta particularmente foi uma das partes mais difíceis. Eu sempre tive a ideia de que fotografia era no ato, sem posteriores alterações. Isso talvez pela vontade de focar em transmitir a realidade da forma mais fiel possível. Mas até então eu não tinha feito um trabalho impresso que exigisse alta qualidade. Com um olhar mais criterioso, devido à importância do trabalho, passei a notar que as cores que eu via pessoalmente não eram necessariamente as mesmas que a câmera capturava.

Até então com pouca noção de edição, decidi fazer um curso online do programa Lightroon, da Adobe, no portal Eduk. Após algumas semanas de aprendizado no mês de agosto, passei a faze exercícios e testar a edição de cores, sombras, contraste, exposição e balanços de branco. Até porque os horários em que as fontes marcavam comigo não eram muito propícios para a fotografia. Eram sempre às 10 horas da manhã no sol ou no final da tarde, quando já estava escurecendo. Já quando fotografei a festa, foi no período da noite, embaixo de uma lona e com pouca iluminação. Então houve a necessidade de editar esses elemntos citados acima para dar uma maior qualidade à fotografia. Em momento algum manipulei as imagens de forma que pudessem distorcer a imagem, apenas aprimorei e tentei realçar a realidade do momento em que estava fotografando. Ao todo fiz mais de mil fotografias e escolhi 34 para o livro, levando em conta o foco, que não tem como consertar em edição, a relevância e a composição da fotografia.

**4.4 Parte textual**

A cada visita que eu fazia, gravava o áudio das entrevistas para que a parte textual tivesse riqueza de detalhes que talvez não pudessem ser capturados nas imagens. A cada visita eu transcrevia na íntegra as entrevistas.

Após escolher e editar as fotos e com as transcrições feitas, passei a pensar na narrativa do livro, em como contar do começo ao fim a história. Optei por separar o livro em três capítulos. O primeiro, ‘Recordações Históricas’ contando a origem da comunidade. O segundo, ‘Lembrança Cultural’, abordando aspectos da cultura. E por fim, o terceiro, ‘Pensamento Social’, contando sobre as práticas de sociabilidade, tanto internas quanto externas. Todo o livro foi pensado levando em conta a importância da memória, que é o que dá identidade para a comunidade e que de unidade ao trabalho. Ao começo de cada capítulo coloquei uma citação de Seu Maurílio que tivesse relação ao tema apresentado.

Após produzir os textos-legendas de acordo com as fotos, percebi a necessidade de escrever um prefácio que desse uma contextualização prévia ao leitor. Durante a escrita de toda parte textual busquei a objetividade e uma linguagem simples, que pudesse ser compreendida pelo maior número possível de pessoas.

**4.5 Diagramação**

A última etapa de produção foi a diagramação. Busquei por uma parte gráfica simples, com uma fonte legível e de tamanho razoável, levando em consideração que um dos propósitos do meu trabalho era entregar à comunidade algo para que eles se sentissem visíveis e que se identificassem de fato. Então, como alguns membros possuem mais idade e a visão já não é tão nítida quanto a de jovens, optei por uma letra um pouco maior que a convencional.

As fotos foram colocadas nas páginas ímpares por ser o primeiro e principal ponto que o olho humano capta ao folhear um livro. Já a fonte do título foi inspirada também na memória, pois possui traços mais apagados, fazendo alusão em como as memórias podem se perder ao longo do tempo.

**5. RECURSOS**

As fotografias presentes neste trabalho foram feitas com uma câmera Nikon D200, pertencente ao Laboratório de Fotografia do Departamento do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. As objetivas utilizadas foram uma 35mm e uma 18-105mm, ambas da mesma marca e também emprestadas pelo laboratório.

Para a gravação dos áudios que foram usados para apuração e escrita das legendas, utilizei um aparelho de celular pessoal (Samsung A5). Não houve gastos com hospedagem na cidade de Garopaba, já que meus pais possuem casa lá e contribuiram também com as viagens até à cidade. Para a edição das fotos, fiz um curso online do programa Lightroom, com o custo de R$ 200,00 de recurso próprio. Já para a impressão de 5 unidades do livro, uma para cada membro da banca, uma para mim e uma para a comunidades, o custo da gráfica foi de R$ 1.450,00, também de recursos próprios. Vide tabela de recursos:

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| **Descrição** | **Preço Aproximado** | **Origem** |
| Câmera Nikon D200 | R$ 1.500 | Laboratório de Fotojornalismo da UFSC |
| Curso online Lightroom | R$ 200 | Recursos próprios |
| Notebook Samgung | R$ 1.800 | Recursos próprios |
| Impressão gráfica | R$ 1.450 | Recursos próprios |
| Celular Samsung A5 | R$ 1.500 | Recursos próprios |
| Objetiva 35mm Nikon | R$ 500 | Laboratório de Fotojornalismo da UFSC |
| Objetiva 18-105mm Nikon | R$ 1.400 | Laboratório de Fotojornalismo da UFSC |

**6. DIFICULDADES E APRENDIZADOS**

Acredito que a maior dificuldade enfrentada durante a produção deste trabalho foi marcar as entrevistas. Por trabalharem fora durante a semana, as fontes só tinham tempo disponível para me receber aos finais de semana, mas em alguns não foi possível. Não senti que faltou vontade da parte deles, mas sim falta de tempo. Todas as vezes que fui recebida foi com muito afeto.

Outra grande dificuldade foram os horários. As fontes preferiam os horários das 10 horas da manhã ou ao final da tarde, quase noite. Ambos os períodos são complicados para o registro de fotos, já que a iluminação não é favorável, assim como foi o caso da festa.

Um dos desafios que se tornou um aprendizado foi a edição das fotos. Fiz o curso online, demorei para conseguir um resultado razoável nas edições, mas aprendi pelo menos o básico. Por fim, creio que outra dificuldade foi tentar saber como a foto ficaria no papel, impressa pela gráfica. Mesmo com a uma prova impressa podendo fazer posteriores alterações, era difícil prever como ficariam. Quanto aos aprendizados, creio que aprimorei minhas técnicas de planejamento, apuração, foto e diagramação.

**7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALBUQUERQUE, Mauricélia. **Espaços e práticas de sociabilidades da Comunidade Quilombola do Morro do Fortunato – Garopaba – SC.** Trabalho de tese em mestrado no Programa de Pós-Graduação em História – PPGH, da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, apresentado em dezembro de 2013.

BONI, Paulo. **O nascimento do fotodocumentarismo de denúncia social e seu uso como “meio” para transformações na sociedade**. Anais do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Trabalho apresentado no VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação. Natal (RN): INTERCOM, de 2 a 6 de setembro de 2008.

FORIN JÚNIOR, Renato; BONI, Paulo César. **Aspectos valorativos no fotodocumentarismo**

**de Sebastião Salgado**. Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul, v. 6, n. 12,

jul./dez. 2007

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. 43 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. Disponível em: <http://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/144_449.pdf>. Acesso em: [10 de outubro de 2016].

LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas - SP: Unicamp, 1990. (coleção repertórios) Livro digital disponível em: Acesso em 11 outubro de 2017.

LEITE, Ilka Boaventura. Os Quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. **Textos e Debate**. n. 7.  Florianópolis: NUER/UFSC, 2000, p. 19.

LOMBARDI, Kátia. **Documentário imaginário: novas potencialidades na fotografia documental contemporânea. Minas Gerais, 2007**. Acesso em: 20 de outubro de 2017.

LOMBARDI, Kátia. **Documentário Imaginário: reflexões sobre a fotografia documental contemporânea**. Discursos fotográficos, Londrina, v.4, n.4, p.35-58, 2008.

LOPES, Helena Theodoro, SIQUEIRA, José Jorge & NASCIMENTO, Beatriz. **Negro e cultura negra no Brasil**. Rio de Janeiro. UNIBRADE/UNESCO, 1987.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2 ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Chapecó: Argos;

Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.